

Darlei Dall'Agnol

BIOÉTICA

PRINCÍPIOS MORAIS E APLICAÇÕES

2ª edição, revista e ampliada



 PUCPRESS

Darlei Dall'Agnol

BIOÉTICA

PRINCÍPIOS MORAIS E APLICAÇÕES

2ª edição, revista e ampliada


PUCPRESS

©2022, Darlei Dall’Agnol
2022, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Reitor

Ir. Rogério Renato Mateucci

Vice-Reitor

Vidal Martins

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Paula Cristina Trevilatto

PUCPRESS

Coordenação

Michele Marcos de Oliveira

Edição

Susan Cristine Trevisani dos Reis

Edição de arte

Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto

Clarissa Comin

Revisão

Pedro Pereira Borges Junior

Susan Cristine Trevisani dos Reis

Capa e projeto gráfico

Rafael da Matta Hasselmann

Diagramação

Rafael da Matta Hasselmann

Conselho Editorial

Alex Vicentim Villas Boas

Aléxei Volaco

Carlos Alberto Engelhorn

Cesar Candiotto

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Cloves Antonio de Amissis Amorim

Eduardo Damião da Silva

Evelyn de Almeida Orlando

Fabiano Borba Vianna

Katya Kozicki

Kung Darh Chi

Léo Peruzzo Jr.

Luis Salvador Petrucci Gnoato

Marcia Carla Pereira Ribeiro

Rafael Rodrigues Guimarães Wollmann

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Suyanne Tolentino de Souza

Vilmar Rodrigues Moreira

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar

Câmpus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701 | pucpress@pucpr.br

FICHA CATALOGráfICA

A primeira edição do livro *Bioética: princípios morais e aplicações* foi lançada pela Editora DP&A em 2004.

Dados da catalogação na publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI-PUCPR
Biblioteca Central
Edilene de Oliveira dos Santos CRB 9/1636

D144b
2022

Dall’Agnol, Darlei, 1965-
Bioética : princípios morais e aplicações / Darlei Dall’Agnol. — 2. ed., rev. e ampl.
— Curitiba : PUCPRESS, 2022
184 p. : il. ; 23 cm

Inclui bibliografias
ISBN 978-65-5385-035-4
978-65-5385-034-7 (ebook)

1. Bioética. I. Título.

22-133

CDD 23. ed. — 174.9574

Sumário

Apresentação à primeira edição	9
Prefácio à segunda edição	11
Introdução	13
Primeira Parte: Bioética Especial	
Capítulo 1 – Princípios Bioéticos	25
1.1 – O princípio do respeito à autonomia.....	29
1.2 – O princípio da não-maleficência	37
1.3 – O princípio da beneficência	42
1.4 – O princípio da justiça	47
1.5 – Algumas dificuldades do princípalismo.....	54
Capítulo 2 – Princípios Éticos Teleológicos	59
2.1 – O Princípio Utilitarista clássico	60
2.2 – Reformulações do utilitarismo	65
2.3 – Características de uma teoria consequencialista	70
2.4 – Utilitarismo objetivo: qualidade de vida.....	74
Capítulo 3 – Princípios Éticos Deontológicos	79
3.1 – O Imperativo Categórico.....	80
3.2 – Os princípios da ética discursiva	89
3.3 – O princípio do respeito universal	96
3.4 – Os princípios da justiça como equidade.....	103
Capítulo 4 – A Procura Pela “Teoria X”	113
4.1 – Metaética: prescritivismo universal.....	114
4.2 – Ética normativa: utilitarismo kantiano?	119
4.3 – Prescreveríamos a nossa própria existência?.....	127
4.4 – A Teoria Tríplice Reformulada	131

Segunda Parte: Bioética geral

Capítulo 5 – O Princípio Da Reverência À Vida	139
5.1 – A valoração intrínseca da vida.....	140
5.2 – A vida possui valor em si e por si?	144
5.3 – O início, o meio e o fim da vida.....	148
Reflexões finais.....	165
Referências	173

Para Mauro,
pelos serviços prestados à saúde e
pelo apoio aos meus primeiros estudos.

*“Há quem fale que a vida da gente é um nada no mundo
É uma gota, é um tempo que nem dá um segundo.
Há quem fale que é um divino mistério profundo.
É o sopro do criador numa atitude repleta de amor”.*

*(O que é O que é,
GONZAGUINHA)*

Abreviaturas de obras:

EN – Ethica Nicomachea (Aristóteles)

GMS – Grundlegung der Metaphysik der Sitten (Kant)

UTIL – Utilitarianism (Mill)

PBE – Principles of Biomedical Ethics (Beauchamp e Childress)

APRESENTAÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Este livro contém os resultados das pesquisas realizadas entre agosto de 2000 e dezembro de 2002, com uma revisão no início de 2004. A partir de um projeto desenvolvido na UFSC, procurou-se analisar criticamente o “utilitarismo kantiano” de Hare, aplicando-o a problemas de Bioética. O projeto foi, *quanto ao mérito*, aprovado pelo CNPq, embora inicialmente não tenha recebido apoio financeiro. O projeto “Seguir uma regra: as contribuições de Wittgenstein ao debate metaético entre cognitivistas e não-cognitivistas” também foi aprovado e contou com o apoio do CNPq durante o processo de revisão.

A proposta inicial logo foi ampliada em duas direções básicas: (i) analisar o *princípioalismo* enquanto a teoria ainda predominante nos fundamentos da Bioética; (ii) comparar a principal teoria aqui estudada com outras posições na Bioética. Por exemplo, com aqueles que argumentam a partir do valor intrínseco da vida. Tanto num caso quanto noutro, sentiu-se a necessidade de revisitar filósofos clássicos da moral, como Kant e Mill, e compreender seus desdobramentos atuais. O resultado dessas pesquisas é a proposta defendida neste livro.

O trabalho beneficiou-se dos cursos oferecidos na Pós-Graduação em Filosofia da UFSC, na qual houve uma apresentação geral dos argumentos aqui defendidos, seguida de discussão. Por esse motivo, gostaria de agradecer a todo(a)s o(a)s aluno(a)s das turmas de 2001, 2002 e 2004 que contribuíram para a realização do projeto, especialmente Sandra Campi e Franciele Bete Petry. Além disso, diferentes seções desse livro foram apresentadas em congressos em MG, RJ, RS, SC e SP e foram melhoradas a partir das contribuições de diferentes audiências. Algumas partes foram também discutidas no Mestrado

em Biotecnologia e no Curso de Especialização em Biossegurança da UFSC, apoiado pelo CNPq. Finalmente, o trabalho beneficiou-se dos debates nas aulas da disciplina “Ética”, do Curso de Medicina da UFSC.

Gostaria de agradecer, de modo especial, a Milene Consenso Tonetto por ter lido todo o trabalho e por ter discutido comigo as mais diferentes questões *bioéticas*.

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

A primeira edição deste livro está esgotada há muito tempo. Por motivos alheios à vontade do autor, a primeira editora acabou cedendo os direitos para outra, que se comprometeu a fazer uma nova publicação, mas nunca a produziu efetivamente. Agora, felizmente, temos o prazer de disponibilizar ao público uma versão atualizada da obra por outra editora. Sou imensamente grato à PUCPRESS por esta segunda edição, revista e atualizada.

Há várias razões formais que justificam a revisão, ampliação e atualização deste trabalho. Em primeiro lugar, foi necessário fazer uma modernização ortográfica. Em segundo, é preciso adequar o livro à nova legislação (no caso brasileiro, foram, desde a primeira edição, promulgadas: a Lei de Biossegurança; a Lei Arouca; as Diretivas Antecipadas de Vontade; um novo Código de Ética Médica; as decisões do STF, por exemplo, sobre bebês anencéfalos; a Resolução 466/2012 do Ministério da Saúde etc.). Em terceiro lugar, vários outros livros foram atualizados, em especial o clássico da Bioética, *Principles of Biomedical Ethics* (daqui para frente, PBE) cuja oitava edição trouxe mudanças significativas.

A principal razão, entretanto, diz respeito ao conteúdo e ao desenvolvimento da própria teorização ética. Há novas descobertas científicas e, por conseguinte, novos desafios bioéticos. Por exemplo, a neurociência tem levantado inúmeros problemas morais. Além disso, vários pensadores fizeram contribuições significativas para a reflexão ética. Por isso, o presente livro passou por algumas mudanças procurando aperfeiçoá-lo. Todavia, nada há, nesta segunda edição, que negue ou contrarie o espírito geral da primeira. Como ficará claro já a partir da Introdução, o projeto continua sendo acrescentar ao principialismo uma nova norma válida *prima facie* (o princípio da reverência à vida) para dar conta das questões bioéticas mais gerais e, além disso, corrigir a sua base metaética intuicionista defendendo

um metaprincípio ético capaz de orientar a aplicação das normas intermediárias e das regras particulares que delas se seguem. Se, na primeira edição, essa correção era feita a partir de um primeiro princípio ético inspirado no utilitarismo kantiano de Richard Hare, agora, esse primeiro princípio leva em conta a Teoria Tríplice proposta por Derek Parfit em *On What Matters* e sua proposta de um consequencialismo kantiano. A seção 4.4 apresenta a teoria parfitiana e é a única totalmente nova. Ela foi escrita durante a pandemia de COVID-19. A Teoria Tríplice é, aqui, reformulada, apresentando *um princípio ético primeiro ou metaprincípio* para servir de guia na resolução de problemas bioéticos cotidianos. Essa continua sendo uma das principais metas do presente livro.

Nos últimos anos, desenvolvemos uma nova epistemologia moral chamada “cognitivismo prático”, que ajuda a substituir, conjuntamente com o primeiro princípio ético, as bases metaéticas intuicionistas do principlismo. Não a incluímos aqui porque não era parte da proposta original deste livro. Agora, mesmo que os nossos últimos trabalhos tenham focado mais na construção de conceitos que se referem a atitudes bioéticas fundamentais tais como *cuidado respeitoso* ou *respeito cuidadoso*, elas pressupõem, de alguma maneira, um metaprincípio que coordena a aplicação dos princípios bioéticos intermediários. Em que medida esta obra faz alguma contribuição efetiva para a Bioética, caberá ao(à) leitor(a) julgar.

Desde a primeira edição deste livro, recebo apoio financeiro do CNPq. Sou grato a essa inestimável instituição brasileira pelo que tem feito pela ciência no nosso país. Agradeço, de modo especial, pelo suporte ao atual projeto (PQIB) “Bioética e Filosofia da Medicina”.

INTRODUÇÃO

O que é a Bioética?

Acreditava-se, até há pouco tempo, que o termo ‘bioética’ teria sido usado pela primeira vez pelo médico norte-americano V. R. Potter no início da década de 1970. Em seu livro *Bioethics: a bridge to the future*, Potter defendeu uma nova abordagem para alguns problemas vitais do ser humano, menos tecnocientífica e mais humanista, e incluindo uma visão global de temas relacionados com a vida. Por exemplo, o meio ambiente. Esses problemas eram tão sérios que estariam colocando em risco a própria vida humana e requeriam uma nova ética. Potter procurou, então, superar a dicotomia entre, por um lado, *fatos*, explicáveis pela ciência, e, por outro lado, *valores*, estudáveis pela Ética. Essa dicotomia (*is-ought gap*) tinha predominado na reflexão filosófico-científica moderna e seria uma das principais causas dos perigos atuais pelos quais estaria passando a existência humana e a vida em geral. Por isso, a Bioética, como é evidente no uso do prefixo ‘bio’, teria nascido como uma preocupação ética pela vida em seus aspectos mais gerais.

Recentemente, entretanto, descobriu-se o artigo de Fritz Jahr, de 1927, chamado “Bio-Ethik”. Ao repassar as filosofias orientais e ocidentais e as principais religiões do mundo, Jahr enuncia um novo princípio ético: “Respeite *cada* ser vivo como fim em si e trate-o, se possível, como tal”. (JAHR, 2011, p. 245). A Bioética nasceu, então, como uma expressão de respeito por *cada* ser vivo e, por conseguinte, com uma preocupação com a vida como um todo. Essa perspectiva coincide, em alguma medida, com a do próprio Potter, que escreveu, no final do século XX, um livro intitulado *Global Bioethics*, inspirado na ética da terra de Aldo Leopold, onde insiste na necessidade de cuidar da vida como um todo. É claro que há diferenças entre as duas abordagens. Enquanto a perspectiva de Jahr exige que se respeite *cada* ser vivo, uma Bioética inspirada em Leopold poderia levar a um enfoque mais biocêntrico

insistindo no valor, por exemplo, de uma espécie ou bioma e não de cada indivíduo. Segundo Aldo Leopold (2005, p. 140), uma coisa (ação, política pública etc.) é correta quando ela tende a preservar a integridade, a estabilidade e a beleza da comunidade biótica; caso contrário, é errada. Ambas as perspectivas podem evitar o antropocentrismo, mas elas têm implicações práticas diferentes, por exemplo em relação ao vegetarianismo. Voltaremos a essa questão no capítulo 5, depois de analisarmos o valor intrínseco da vida. Essa abordagem holística pode, então, ser chamada de “Bioética Geral” para diferenciá-la do estudo dos problemas morais específicos da experimentação científica envolvendo seres humanos como participantes, principalmente no domínio das ciências da saúde, que pode ser caracterizada como uma “Bioética Especial”. Aprofundaremos essa distinção a seguir, mas é importante notar desde logo que a Bioética Especial foi inspirada principalmente na ética inerente à pesquisa biomédica que, por sua vez, também não pode ser confundida com a prática médica propriamente dita. A *biomedicina* é uma área do conhecimento preocupada com a pesquisa científica na interface entre biologia e ciências da saúde; ela não pode ser confundida com a medicina propriamente dita. Mais importante: não se pode, como veremos, reduzir a Bioética à ética (bio)médica. Os quatro primeiros capítulos deste livro serão dedicados à Bioética Especial e o último à Bioética Geral.

Nos últimos trinta anos, a Bioética Especial cresceu rapidamente como área de conhecimento e tornou-se particularmente importante nas ciências mais diretamente relacionadas aos cuidados com a vida humana, tais como a medicina, a enfermagem, a biologia etc., apesar de ser um objeto de estudo interdisciplinar e ter ocupado também lugar central na Ética, ou seja, na Filosofia Moral. É comum falar-se, hoje, em biomedicina, biodireito, biotecnologia...

A abordagem predominante acerca dos fundamentos da Bioética Especial é, atualmente, conhecida como “princípioalismo” (talvez fosse melhor chamá-lo “enfoque baseado nos quatro princípios”, mas, por brevidade, usaremos esse termo, sem sentido pejorativo) e foi elaborada a partir do Relatório Belmont, sendo sistematizada pelos eticistas Beauchamp e Childress. No já referido livro *PBE*, publicado pela primeira vez em 1979, eles sustentaram que a “bioética ou ética biomédica” (sic) deveria ser pautada por quatro princípios básicos: respeito pela autonomia, não-maleficência, beneficência e justiça. No primeiro capítulo, discutiremos esses princípios de forma detalhada. Um aparente equívoco de Beauchamp e Childress é equiparar ‘Bioética’ com ‘ética biomédica.’ Apesar de existirem diferentes enfoques teóricos (mais adiante será apresentada uma visão mais ampla da História da Bioética e das suas perspectivas atuais), o princípioalismo ainda é a principal fonte de discussão e resolução de temas que dizem respeito aos fundamentos da Bioética.

No Brasil, a Resolução 466/2012 (que substituiu a antiga 196/1996), do Conselho Nacional de Saúde, adotou o principialismo como base ética das pesquisas envolvendo seres humanos. A manutenção, depois de muito tempo, do mesmo referencial bioético diz muito sobre a força do enfoque baseado nos quatro princípios. Também a CTNbio (Comissão Técnica Nacional de Biossegurança), na sua Instrução Normativa n.º 9, de 10/10/97, adota o principialismo como base ética para regular certas questões de biossegurança, em especial aquelas envolvendo a intervenção genética em seres humanos. Citando o preâmbulo: “todo experimento de intervenção ou manipulação genética em humanos deve ser considerado como Pesquisa em Seres Humanos, enquadrando-se assim na [antiga] Resolução n.º 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, e obedecendo aos princípios de autonomia, não-maleficência, beneficência e justiça”. Como podemos constatar, o principialismo fornece a base ética para a legislação brasileira que normatiza questões bioéticas específicas e de biossegurança.

Apesar do sucesso do principialismo, uma série de problemas levou muitos bioeticistas a procurarem enfoques éticos diferentes. Por exemplo, a chamada “ética de virtudes”, baseada na insistência aristotélica do valor do caráter do agente e das suas qualidades morais, vem sendo uma alternativa para alguns bioeticistas que relativizam a importância dos *princípios* na vida moral. Além disso, uma série de críticas ao principialismo fez com que seus autores repensassem, nas edições subsequentes do *PBE*, as pressuposições mais gerais dessa teoria bioética. Uma razão elementar para fazê-lo novamente é que o principialismo foi formulado como base da ética biomédica e não da Bioética em geral. Ainda hoje, no Brasil, alguns confundem a Bioética com a ética médica. A referência ao livro de Beauchamp e Childress feita por Costa, Garrafa e Oselka (1998, p. 15) na apresentação do livro *Iniciação à Bioética* como “The Principles of Bioethics” parece ser mais do que um simples erro e representar, na realidade, uma confusão entre Bioética e ética biomédica.

O objetivo geral do presente trabalho é repensar os fundamentos filosóficos da Bioética tal como eles são formulados no principialismo. A partir de uma reconstituição detalhada das duas principais teorias éticas que forneceram a base conceitual para a formulação dos princípios acima citados, a saber, o utilitarismo e a ética kantiana, e das principais tentativas de síntese desses modelos, será argumentado que uma reflexão mais aprofundada sobre o valor da vida também é necessária para compreender adequadamente o alcance e os limites do próprio principialismo. Em outros termos, será sustentado que somente uma *reflexão filosófica* sobre o valor intrínseco da vida fornece razões sólidas para uma compreensão adequada da base teórica da Bioética e para uma tomada de decisões políticas e pessoais dos problemas relacionados com a existência humana. Por conseguinte, além da

discussão de outros princípios éticos no princípalismo a partir do utilitarismo e do kantismo, será argumentado que o *princípio da reverência à vida* é fundamental para a reflexão bioética. Finalmente, o livro discute a necessidade de pensarmos em um critério objetivo, talvez um metaprincípio, capaz de regular a aplicação das quatro normas básicas da Bioética Especial.

Antes de apresentarmos as razões para pensarmos assim, convém explicar melhor o que é a própria Bioética. Como veremos, a Bioética Geral é a parte da ética prática que estuda os problemas morais relacionados com o início, o meio e o fim da vida como um todo. Para que possamos ter uma compreensão mais precisa dessa parte da Ética, é necessário entendermos de forma mais ampla a própria Ética, ou seja, a Filosofia da Moral. Assim, faremos, agora, uma breve apresentação da Ética, salientando o lugar que nela ocupa a Bioética e, posteriormente, faremos uma discussão mais detalhada das principais visões sobre os fundamentos da Bioética especial.

Apesar do fato de as pessoas normalmente usarem a palavra ‘ética’ e seus cognatos (ético, antiético etc.) como sinônimo de ‘moral’, é preciso estabelecer um sentido mais específico para esta palavra num contexto de discussão racional sobre os problemas bioéticos. Por isso, vamos definir, aqui, a Ética como *uma reflexão filosófica sobre a moralidade*. Isto é pertinente porque a preocupação central desse livro está relacionada com os *fundamentos* da Bioética, isto é, com um problema filosófico. A reflexão é filosófica porque usa o método especulativo (e não o experimental) que é essencialmente *interrogativo*, além de argumentativo e crítico, e procura compreender os fenômenos bioéticos a partir de uma visão do mundo como um todo. Nesse sentido, distingue-se de uma investigação científica, por exemplo sociológica, sobre os problemas bioéticos que usaria a observação, a análise de dados e construiria hipóteses que deveriam ser testadas para se tornarem leis e constituírem teorias. Por isso, não se pode esperar encontrar aqui, por exemplo, uma investigação sociológica sobre o aborto ou sobre qualquer outro problema específico da bioética, nem uma antropologia dos costumes ou uma etologia.

A moral, por sua vez, pode ser definida como o conjunto de costumes, modos de ser, regras etc. que efetivamente guiam o comportamento humano na busca do bem. Como se pode ver, estamos preocupados, aqui, com um problema de Ética, por exemplo, com os fundamentos da Bioética. Em outros termos, a Ética trata da justificação das nossas crenças morais. Um exemplo de problema relacionado aos fundamentos da Bioética pode ser o seguinte: podemos *justificar* (e de que modo) a interrupção da gestação de uma vida humana?

A Ética pode ser apresentada de dois modos distintos. Um deles, que poderíamos chamar de “corte horizontal”, distingue três dimensões básicas da reflexão

filosófica sobre a moralidade: *a metaética, a ética normativa e a ética prática (ou aplicada)*. Estas três dimensões possuem problemas bastante distintos apesar do fato de que eles não podem ser separados. Outra divisão fundamental na Ética diz respeito às teorias normativas que podem ser elaboradas. É comum encontrar aqui um “corte vertical”, quer dizer, uma tentativa de aplicar princípios a situações concretas. A divisão mais comum neste sentido é entre teorias éticas teleológicas (do grego, *telos* = fim) e deontológicas (do grego, *deon* = dever) que usaremos para melhor compreender o principialismo. A seguir, vamos analisar mais detalhadamente cada uma dessas distinções.

A *metaética* é uma reflexão filosófica sobre a forma e a natureza da própria Ética. Por exemplo, é uma questão metaética saber se a Ética pode constituir-se como uma ciência, ou seja, se ela deve tentar elaborar teorias constituídas de princípios e regras ou se ela não pode ser vista como uma atividade científica como outra qualquer. Essa é uma questão metaética importante para a Bioética, pois, atualmente, há várias tentativas científicas de explicar o comportamento moral a partir da constituição genética das pessoas. Convém lembrar, aqui, que a Bioética surgiu como uma tentativa de superar a dicotomia entre fatos e valores (*is-ought gap*) e, por conseguinte, a partir de uma perspectiva metaética determinada. Outra questão metaética importante para a Bioética é saber se são os *princípios* ou as *virtudes* que devem ser tomados como categorias morais fundamentais. Por isso, na medida em que estamos refletindo sobre a natureza das questões éticas, estamos fazendo algo que é distinto das questões normativas e práticas.

Os principais problemas metaéticos podem ser assim enunciados: como podemos definir termos morais básicos, tais como ‘bom’, ‘mau’, ‘correto’, ‘dever’ etc.?; qual é a natureza dos julgamentos morais?; será que eles expressam fatos ou será que eles expressam as emoções, os sentimentos, as atitudes de quem julga moralmente?; é possível derivar *dever-ser* de *ser*?; os juízos morais são objetivos ou não?; há fatos morais independentes do sujeito que julga moralmente? Como podemos perceber, a metaética busca a clarificação conceitual antes da orientação prática para os problemas morais concretos do cotidiano. Ela é uma reflexão sobre a linguagem moral e está preocupada com problemas metodológicos, lógicos, epistêmicos e ontológicos que surgem a partir de uma reflexão filosófica sobre a moralidade. Assim, os problemas metaéticos possuem *prioridade* para o(a) filósofo(a) apesar do fato de que os problemas morais práticos possuam *maior importância* sob o ponto de vista cotidiano, pessoal e social. Conforme foi antecipado, a base metaética do principialismo é intuicionista. Um dos objetivos deste livro é substituir essa base por uma epistemologia moral mais sólida.

